

Estética neoliberal do trabalho sexual em Hollywood: narrativas em Bonequinha de Luxo, Uma Linda Mulher e Anora¹

Henry Fragel²

Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ

Resumo

A pesquisa aqui apresentada objetiva partir de três narrativas que atravessam a história do cinema hollywoodiano partilhando a narrativização de histórias protagonizadas por trabalhadoras sexuais confrontadas pela perspectiva matrimonial como superação de uma condição de vulnerabilidade sócio-econômica. A partir do método comparativo da constelação fílmica (Souto, 2020), articulamos estudosos que estabelecem interlocuções entre área do cinema/artes (Campbell, 2006), do trabalho (Federici, 2013; Federici, 2016; Zelizer, 2009), do gênero (Butler, 2013; Wittig, 2013) e do neoliberalismo (Dardot e Laval, 2016; Macpherson, 1970) para problematizar a mistificação que a estetização do amor romântico promove sobre narrativas que entrelaçam trabalho e sexualidade a fim de propiciar salvação morais para as protagonistas dos filmes em questão.

Palavras-chave: trabalho sexual; cinema hollywoodiano; gênero e sexualidade; prostituição; neoliberalismo.

O presente trabalho tem como objetivo o estabelecimento de uma relação comparativa entre três filmes atravessados pela narrativa hollywoodiana acerca da prostituição e a estilização emocional das protagonistas em questão. Holly/Lula Mae (Bonequinha de Luxo, 1961), Vivian (Uma Linda Mulher, 1990) e Anora (Anora, 2024) são mulheres estadunidenses com diversas origens genealógicas que deslocam-se de periferias para grandes centros urbanos a fim de perseverar social e economicamente e, enfim, realizar sonhos. Apesar de “Bonequinha de Luxo” ser uma adaptação bastante matizada do romance homônimo de Truman Capote em função da vigência do Código Hays, que elipsa, entre outros aspectos, o envolvimento de Holly com trabalho sexual, “Uma Linda Mulher” e “Anora” apresentam retratos explícitos de jovens mulheres que têm a prostituição como meio para a superação de um estado de vulnerabilidade financeira.

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação, Alteridade e Diversidade, do 25º Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 48º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutorando do Programa de Pós-graduação em Comunicação e Cultura da Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro. E-mail: henryfragel@gmail.com.

Sob o enquadramento da comédia dramática/romântica, tais narrativas ganham contornos de autoaprimoramento neoliberal, especialmente pelas perspectivas de 1) transfiguração de traumas e frustração em criatividade monetizável, o que, no caso do trabalho sexual, confunde-se com a própria subjetividade e 2) a substituição da precarização do trabalho sexual transacional por sua contraparte gratuita circunscrita e mistificada pelo amor romântico e sua legitimidade moral. Para o empreendimento de tal análise, dá-se o uso da constelação fílmica como método comparativo, seguindo a proposição de Mariana Souto (2020), que se guia por semelhanças e contrastes narrativos e estéticos para construir imagens cinematográficas de fenômenos e subjetividades, em uma tentativa de historicizar a apreensão do trabalho sexual pela narrativa do individualismo possessivo, como teorizado por C. B. Macpherson, que alimenta o empreendedorismo neoliberal contemporâneo.

Como suporte bibliográfico, o trabalho toma emprestadas as reflexões de de Silvia Federici (2013, 2019) e Viviana Zelizer (2009) para refletir sobre as porosidades e negociações que envolvem as diferentes ritualizações do trabalho sexual, em interlocução com a pesquisa inaugural de Russell Campbell (2006) que elenca quinze arquétipos da prostituição no cinema hollywoodiano. Recorremos a Pierre Dardot e Christian Larval (2016) para pensar uma gênese neoliberal de sujeito de trabalho; o interesse na exploração capitalista do sexo parte não apenas da função prática de reproduzir trabalhadores como a mercadoria do capitalismo por excelência, mas reside também no controle de uma experiência corporal liminar contra a qual o sujeito autônomo da razão iluminista se constitui. Por fim, articulamos as noções de performatividade de gênero de Judith Butler (2013) e de papel feminino de Monique Wittig (2013) para pensar uma construção estética da subjugação e pensar o cinema como lugar midiático de estilização ética do trabalho sexual como fenômeno insuperável, que se produz apenas como carência passível de salvação e se é substituído apenas por mistificações românticas que elucidam uma verdadeira vocação do sujeito: não para o sexo e sim para o amor.

Apresentamos, como resultados preliminares da análise, uma matriz triangular entre os filmes, centrada na narrativa de que o trabalho sexual é uma forma transitória de perseverar nos grandes centros urbanos estadunidenses – no caso de Vivian, Los Angeles, e no caso de Holly e Anora, Nova Iorque – após terem enfrentado situações

emocionalmente complexas durante sua criação. Holly fogira do interior do Texas, onde casou-se adolescente com um homem mais velho, pai de quatro crianças; Vivian crescera com uma mãe alcólatra nas periferias californianas e Anora, compartilhara o lar com a avó e os pais que eram imigrantes russos na Flórida. Entre aproximações e afastamentos, percebem-se distintas articulações entre sexo, romance e trabalho nas rotinas e nos sonhos das protagonistas.

Em uma reviravolta irônica, entretanto, o encerramento das narrativas projeta as protagonistas para lugares distantes de suas metas iniciais: Holly busca o casamento como mobilidade social e encontra o romance em outro trabalhador sexual; Vivian encara a prostituição de modo pragmático, sem grandes aspirações de fortuna, mas sonha com um romance e acaba encontrando ambos nos braços de um cliente; Anora é ludibriada pela proposta de casamento de um bilionário russo e mobiliza discursos românticos apenas para dar consistência à fantasia, mas acaba retornando à realidade quando os pais dele interferem, retornando à realidade dura após um vislumbre do que sua vida poderia ser..

Assim, a análise comparativa dos filmes aponta para um enquadramento narrativo hollywoodiano que circunscreve o trabalho sexual dentro de regimes individualizantes de permissividade moral. Por um lado, há uma abertura às “boas combinações” (Zelizer, 2009) entre sexo e dinheiro e a presença de retratos complexos da prostituição para além do binômio da coerção e da voluntarismo. Por outro, o preço pela corrupção moral – determinado por uma articulação de expectativas sociais acerca de gênero, trabalho e desejo –, deve ser pago por desfechos que deformam as tensões dramáticas iniciais em prol de favorecer estilizações emocionais generificadas e normativas que não subvertem a forma de exploração capitalista do trabalho sexual, mas legitimam o controle institucional do matrimônio sobre o mesmo.

Referências

- BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão de identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013.
- CAMPBELL, Russell. **Marked Women: prostitutes and prostitution in the cinema**. Madison: University Of Winsconsin Press, 2006.
- DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. **A nova razão do mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal**. São Paulo: Boitempo, 2016. 413 p.

FEDERICI, Silvia. **Revolución en punto cero:** trabajo doméstico, reproducción y luchas feministas. Villatuerta: Traficantes de Sueños, 2013.

FEDERICI, Silvia. **Calibã e a bruxa:** mulheres, corpo e acumulação primitiva. São Paulo: Elefante, 2019.

MACPHERSON, Crawford Brough. **La teoría política del individualismo posesivo de Hobbes a Locke.** Barcelona: Editorial Fontanella, 1970.

SCOOT, Joan. Experiência. In: **Falas de Gênero.** SILVA, Alcione Leite da; LAGO, Mara Coelho de Souza; RAMOS, Tânia Regina Oliveira (orgs.). Florianópolis: Editora Mulheres, 1999.

SOUTO, Mariana. Constelações filmicas: um método comparatista no cinema. **Galáxia**, n 45, p 153-165, dez 2020.

PRECIADO, Paul Beatriz. **Pornotopía:** Arquitectura e sexualidade en ‘Playboy’ durante la guerra fría. Barcelona: Anagrama, 2010

ZELIZER, Viviana. Dinheiro, poder e sexo. **Cadernos Pagu**, v. 32, p. 135-157, 2009.

WITTIG, Monique. One is not born a woman. In: MCCANN, Carole R.; KIM, Seung-Kyung (ed.). **Feminist local and global theory perspectives reader.** New York: Routledge, 2013. p. 246-251.